

“Grifo” - Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Jaime Vasconcelos, Joanna Latka, Marta Ubach, Pauliana Valente Pimentel e Teresa Gonçalves Lobo

15 Novembro 2014 / 9 Janeiro 2015

Galeria das Salgadeiras

MENS AGITAT MOLEM¹

Com origem no grego e no latim, o grifo é um animal do imaginário, da fábula, do qual se dizia ter cabeça de águia e corpo de leão com quatro pés de garra e asas ligeiras. Tem a particularidade de agregar, no mesmo ser, a rainha e o rei do mundo animal, representando a junção do lado celeste, à águia, e o lado terreno, com o leão. O sonho, a espiritualidade, a vontade em comunhão com o fazer, a luta e a resistência. Grifo, também, é significado enigma, de difícil interpretação e resolução. Estas, e outras razões que pairariam no espírito do autor, levaram Fernando Pessoa a considerar o grifo como símbolo do Brasão na primeira parte de Mensagem. Grifo pode ser ainda o que corresponde ao itálico, à forma de letra a que recorreremos quando queremos citar alguém num texto. No fundo, estas três definições estão na base desta exposição que resulta de interpretações livres que cada um dos sete artistas desenvolveu para a abertura da Galeria das Salgadeiras nas suas novas instalações, 11 anos depois da sua criação na rua que lhe deu o nome.

O grifo pairou na Atalaia e está à atalaia. Obras inéditas de Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Jaime Vasconcelos, Joanna Latka, Marta Ubach, Pauliana Valente Pimentel e Teresa Gonçalves Lobo são apresentadas sobre o desígnio e o cariz simbólico deste poema de Fernando Pessoa, o único em língua portuguesa dado a público pelo próprio, a 1 de Dezembro de 1934. Quarenta e quatro poemas que contam a história do que, à época, Portugal é (primeira parte, chamada “Brasão), o que Portugal foi (segunda parte, chamada “Mar Português”) e o que Portugal será (na última parte, chamada “O Encoberto”), porventura não tão longe daquilo

¹ “Mens Agitat Molem” significa em latim “A mente comando o corpo”. Jogo de palavras que Fernando Pessoa escravinha e que está presente na edição de “Mensagem” da Relógio d’Água (2013).

que Portugal é hoje. Porém mais do que uma leitura nacionalista de um livro que foi desde sempre alvo de grande contestação e ambiguidade, com argumentos de fascista a visionário, o que esta exposição pretende é proporcionar uma reflexão sobre a nossa história, desde a criação da nação até ao mito de D. Sebastião, esse messias por quem ainda hoje o povo espera, indo para além dela. Como diz Eduardo Lourenço, no prefácio da Mensagem, e agora em itálico, *la vraie vie est ailleurs*². Que estes personagens históricos e místicos, que estes acontecimentos e lendas, que estas tormentas e calmas, que estes símbolos e alegorias nos permitam compreender melhor o país e o mundo que somos, porque os construímos a cada dia. Mensagem relata viagens pelo horizonte, fala-nos de sonhos (O sonho é ver as formas invisíveis, diz Pessoa), revela-nos descobertas. Trata da vida, coberta de sal.

Aos artistas que participam nesta exposição foi-lhes dada, como não poderia deixar de ser, total liberdade de interpretação e de construção das suas próprias mensagens. Cada um, na sua expressão artística, concentrou a sua alma e pensamento nos aspectos que mais lhe interessavam, sejam estéticos ou políticos. Tal como são múltiplas as leituras da Mensagem, apresentamos, aqui, as interpretações destes 7 artistas, que não devem ser entendidas como ilustrações, porque estão para além do texto, ainda que criadas a partir dele. Afinal, Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Ana Matos

Lisboa, Outubro 2013

² in "Mensagem", Relógio d'Água, 2013, pp. 17. Edição com prefácio do Professor Eduardo Lourenço.